



Posicionamento da Marcha Mundial das Mulheres sobre o Plano de Transformação Ecológica do Governo Federal (2023)

Nós, da Marcha Mundial das Mulheres, compartilhamos por meio desta carta nosso posicionamento acerca do Plano de Transformação Ecológica, dada a importância da questão ambiental e da necessidade dos movimentos e organizações populares incidirem sobre ela no sentido da **construção da justiça socioambiental e da garantia da soberania dos povos sobre suas vidas e territórios.** ¹

Contra as falsas soluções corporativas para o clima

As chamadas “tragédias climáticas”, como a seca na Amazônia e as enchentes no sul, são noticiadas pela mídia como realidades que demandam respostas urgentes. Mas essa urgência (real) não pode ser capitalizada pelos responsáveis por essa crise: as corporações internacionais, que vêm intensificando a exploração da natureza e, ao mesmo tempo, aprimorando suas falsas soluções no marco da economia verde. Chamamos de falsas soluções todos os mecanismos de mercado, como os créditos de carbono, que geram mais lucro para os já muito ricos e não são soluções à altura do colapso ambiental que vivemos.

Vemos que as decisões oriundas das negociações e debates sobre o Clima nas Conferências das Partes anualmente tampouco foram efetivas em desacelerar os efeitos das mudanças climáticas, que já sentimos nos nossos cotidianos. Parte disso se deve ao fato deste ser um espaço cada vez mais cooptado pelas empresas transnacionais. É por isso que há mais de 15 anos, movimentos populares, ambientalistas, indígenas, camponeses e feministas se organizam nas chamadas ‘cúpulas dos povos’, frente às COP Clima, para denunciar essas falsas soluções, e afirmar as verdadeiras soluções a partir da resistência nos territórios.

Denunciamos que as mais afetadas pelas tragédias climáticas são as mulheres que vivem nas periferias e nas chamadas “zonas de sacrifício ambiental”, que lidam com a precarização da vida em seu cotidiano, expostas à contaminação, à falta de água potável e à sobrecarga de trabalho gerada pelos desastres ambientais. São elas que reorganizam a vida de suas famílias e comunidades após perderem tudo nas enchentes, deslizamentos e

1

Este documento foi construído tendo como base um debate coletivo realizado na oficina “Mulheres em marcha: natureza, territórios e soberania” que aconteceu nos dias 10 e 11 de novembro de 2023 com a participação de 55 militantes da Marcha Mundial das Mulheres de 20 estados do país.



migrações forçadas. Também são mais afetadas as mulheres agricultoras, camponesas, ribeirinhas, indígenas e quilombolas, que têm seus meios de vida destruídos e são ameaçadas e expulsas de seus territórios, cercados pelas empresas que buscam apropriar-se das terras para inseri-las no mercado financeiro internacional.

O planeta, o clima, a natureza e os recursos naturais não são temas de especialistas e devem ser debatidos por toda a sociedade, com protagonismo popular. É preciso dizer com todas as letras que **as falsas soluções não nos tornarão um país protagonista do combate às mudanças climáticas**; pelo contrário, representará nossa submissão com a venda dos nossos territórios e recursos para interesses de terceiros, mantendo a mesma lógica colonialista, racista e patriarcal.

Crítica à transição energética corporativa

Estamos há anos debatendo a questão da energia no Brasil e no mundo, problematizando para que e para quem ela tem sido produzida, e afirmando que queremos soberania e democracia energética para os povos e, especialmente, para as mulheres. Atualmente, a transição energética corporativa coloca ênfase apenas na mudança da matriz, considerando que basta deixar de explorar o petróleo, o gás e o carvão como base da produção energética e passar a investir (e lucrar) em matrizes renováveis, como a eólica ou a solar.

Somos críticas a esse modelo de transição energética. Hoje, nos setores de energia renovável, a força de trabalho das empresas é quase totalmente terceirizada, o que precariza as garantias sociais das trabalhadoras e trabalhadores. A implantação de parques eólicos no Nordeste também tem impactado a vida das mulheres e população local com o cercamento e o impedimento do acesso a áreas das comunidades. As instalações dos aerogeradores próximos às casas geram problemas de saúde múltiplos (transtornos mentais a problemas auditivos e respiratórios), acidentes de crianças e animais e danos nas estruturas das casas e cisternas. Tudo isso para gerar energia que não beneficiará a própria comunidade. A produção de alimentos próximas a parques eólicos também diminui, pois as empresas arrendam terras da agricultura familiar na região, ameaçando a soberania alimentar.

Este documento foi construído tendo como base um debate coletivo realizado na oficina “Mulheres em marcha: natureza, territórios e soberania” que aconteceu nos dias 10 e 11 de novembro de 2023 com a participação de 55 militantes da Marcha Mundial das Mulheres de 20 estados do país.



As políticas do Plano devem considerar as dimensões da soberania alimentar e hídrica e da preservação do patrimônio cultural dos territórios, e orientar-se pela defesa dos direitos, proteção ambiental e respeito aos povos que vivem neles. Temos alternativas concretas sendo construídas pelas mulheres e povos, a partir do reconhecimento da interdependência entre nós e a natureza, e esses saberes e práticas devem ser reconhecidos.

Propostas do feminismo por um paradigma econômico que coloque a vida no centro

Fazemos parte do conjunto de movimentos que organizam a Marcha das Margaridas no Brasil. A grande manifestação das mulheres rurais que ocorreu este ano em Brasília se encerrou com a entrega de uma ampla pauta de reivindicações ao governo federal. Reforçamos a necessidade de que essas demandas, elaboradas por mulheres de incontáveis territórios rurais de todas as regiões do Brasil, sejam atendidas.

Além disso, defendemos:

- A reorientação do modelo econômico nacional: produção energética, alimentar e tecnológica a favor da soberania nacional e popular. Um sistema econômico que enfrente à crise ambiental deve colocar a sustentabilidade da vida no centro, seguindo o paradigma da Economia Feminista.
- Nenhuma privatização a mais e reestatização de empresas públicas, como a Eletrobrás.
- Respeito aos Protocolos de Consulta Livre, Prévia e Informada e pelo direito das comunidades de dizerem "não" aos empreendimentos extrativos em seus territórios. Reparação aos atingidos e atingidas por megaempreendimentos em todo o Brasil.
- Não implementação das falsas soluções para o clima, como a regulamentação do mercado de créditos de carbono e demais projetos de ampliação da mercantilização e financeirização da natureza, sem financiamento de falsas soluções ou de megaprojetos contaminantes pelo BNDES e demais bancos públicos.
- Ampliação das políticas que apoiam a agricultura agroecológica no campo e na cidade, as tecnologias sociais, a Economia Solidária e as ações de adaptação às mudanças climáticas.
- Diversificação e descentralização da produção de energias renováveis e sustentáveis com geração de emprego e trabalho decente, articuladas à perspectiva

Este documento foi construído tendo como base um debate coletivo realizado na oficina "Mulheres em marcha: natureza, territórios e soberania" que aconteceu nos dias 10 e 11 de novembro de 2023 com a participação de 55 militantes da Marcha Mundial das Mulheres de 20 estados do país.

Secretaria Nacional da Marcha Mundial das Mulheres

Rua Ministro Costa e Silva, 36 • Pinheiros • São Paulo • SP • Brasil • 05417-080 • tel +55 11 36193676 •
marchamulheres@sof.org.br



de transição justa. Reconhecimento e valorização do trabalho de proteção da natureza realizado pelas mulheres e povos e seus modos de agricultura tradicionais.

- Pelo direito ao território: pela ampliação da reforma agrária, das demarcações e titulações dos territórios dos povos e comunidades tradicionais, quilombolas e indígenas. Não ao marco temporal!

São Paulo, 17 de novembro de 2023.

Este documento foi construído tendo como base um debate coletivo realizado na oficina "Mulheres em marcha: natureza, territórios e soberania" que aconteceu nos dias 10 e 11 de novembro de 2023 com a participação de 55 militantes da Marcha Mundial das Mulheres de 20 estados do país.

Secretaria Nacional da Marcha Mundial das Mulheres

Rua Ministro Costa e Silva, 36 • Pinheiros • São Paulo • SP • Brasil • 05417-080 • tel +55 11 36193676 •
marchamulheres@sof.org.br